

História das masculinidades: uma perspectiva discursiva

History of masculinities: a discursive perspective

Fabio Araujo Oliveira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

fo6092407@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1867-7872>

RESUMO

Considerando que há no Brasil o Discurso das Masculinidades, ou seja, a existência de um conjunto de práticas diversas de criação, colonização e/ou propagação de diferentes posições do masculino, analisamos, nesse trabalho, a “historicização e institucionalização” das masculinidades no Brasil. Para isso, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, criada por Pêcheux e bastante desenvolvida no Brasil. Nessa perspectiva, selecionamos algumas das publicações dos estudos das masculinidades e investigamos seus aspectos ideológicos e seus efeitos na constituição do Discurso das Masculinidades. Assim, embora existam práticas que construam, propaguem e explorem posições diversas de masculinidade, são os estudos das masculinidades que engendram e desenvolvem o termo masculinidades.

Palavras-chave: discurso das masculinidades; estudos das masculinidades; sujeitos das masculinidades.

ABSTRACT

Considering that the Discourse of Masculinities does exist in Brazil, in other words, the set of practices developed in order to create, colonize and/or spread different positions of the masculine, this study aims to analyze the “historicization and institutionalization” of masculinities in Brazil. To do so, we have used the theoretical and methodological assumptions of French Discourse Analysis, created by Pêcheux and widely developed in Brazil. From this perspective, we have selected some of the publications on the studies of masculinities and analyzed their ideological aspects as well as their effects on the construction of the Discourse of Masculinities. Thus, even though there are practices that build, disseminate and explore different positions of masculinity, the studies of masculinities are the ones responsible for generating and developing the term masculinities.

Keywords: discourse of masculinities; masculinity studies; subjects of masculinities.

O DISCURSO DAS MASCULINIDADES: UMA BREVE INTRODUÇÃO

O que chamamos de discurso das masculinidades é um conjunto de práticas diversas de criação e/ou “colonização” de novas e/ou diferentes formas de masculinidade, produzindo o sentido de uma pluralização de posições de identificação masculina, em contraposição à sustentação tradicional de uma masculinidade no singular.

Nesse discurso, compreendemos as masculinidades como posições de sujeito marcadas pela ideologia do que é ser masculino, ou seja, inscrições de indivíduos na linguagem regidas por formações imaginárias referentes ao que é ser homem. Tais posições são predominantemente assumidas por pessoas do sexo masculino, embora pessoas do sexo feminino também possam ocupá-las.

Identificamos algumas práticas do discurso das masculinidades:

- a) discursos de militância, promovidos por movimentos sociais, a exemplo dos movimentos de diversidade sexual e do movimento negro em sua diversidade;
- b) discursos midiáticos, sustentados por diversos segmentos da publicidade e propaganda;
- c) discursos acadêmicos, produzidos principalmente pelas ciências sociais;
- d) discursos das artes, promovidos principalmente por artistas jovens;
- e) discursos de políticas públicas, sustentados prioritariamente por entidades não-governamentais e pelo Governo, e relacionados principalmente a questões de direitos e deveres civis, saúde e segurança pública.

Cada um desses discursos possui suas especificidades e semelhanças, numa relação de simetria e dissimetria constante.

O discurso das masculinidades, no Brasil, é efeito de um discurso que pode ser identificado inicialmente nos Estados Unidos da América (EUA) e na Inglaterra, já que práticas fundadoras desse discurso no Brasil surgem, ou inicialmente ganham força, naqueles dois países – e, principalmente, no primeiro –, como a busca por ressignificar positivamente a identidade homossexual, empreendida inicialmente pelo movimento gay estadunidense e inglês, na década de 1970; o surgimento da identidade metrossexual, na Inglaterra, na década

de 1990; e a institucionalização do vocábulo masculinidades pelos estudos das masculinidades, que ganham força nos EUA, na década de 1990.¹

Afirmamos a existência de um discurso das masculinidades considerando a noção de discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (Pêcheux, 1997). Consideramos também a noção de masculinidades como processos variados e fluidos de constituição de sujeitos, baseados em atributos identitários e imaginários relacionados ao masculino, no que se refere à sua construção de gênero e/ou sexualidade, em oposição a atributos identitários e imaginários relacionados ao feminino.

OS ESTUDOS DAS MASCULINIDADES: DISCURSO FUNDACIONAL

No Brasil, os estudos das masculinidades surgiram na década de 1990. O que designamos de estudos das masculinidades no Brasil é toda a produção acadêmica e científica publicada no país, resultante de pesquisas realizadas e/ou organizadas por pesquisadores de várias áreas e vinculados a instituições brasileiras e que aborda a masculinidade em sua heterogeneidade. Como efeitos de tais estudos surgem páginas de internet sobre o assunto; criam-se linhas e grupos de pesquisa nas universidades brasileiras sobre a questão, assim como disciplinas; aborda-se o tema em encontros acadêmicos e realizam-se eventos sobre ele.

Antes desses estudos, as posições de sujeito masculino consideradas em sua diversidade e multiplicidade eram praticamente silenciadas na ciência, pois o que nela estava em foco sobre essa questão era a abordagem sobre a masculinidade hegemônica ou o combate a essa construção masculina, no que diz respeito ao seu prestígio e à sua dominação em relação a grupos considerados minoritários. Entretanto, alguns investigadores, principalmente na área da psicologia, abordaram as chamadas subjetividades masculinas, rompendo um pouco com esse silenciamento, ao apontarem para uma “crise do masculino”.

¹ Embora alguns autores afirmem que a noção de masculinidades surge de um diálogo entre produção científica e políticas públicas, acreditamos que inicialmente as políticas públicas sobre masculinidades já são efeitos de discussões acadêmicas e publicações de artigos e livros sobre o assunto.

Foi com os estudos das masculinidades que a palavra “masculinidades” entrou em um processo de historicização e institucionalização. Era como se não existisse o plural dessa palavra anteriormente. A possibilidade de pluralizá-la existia na língua portuguesa (masculinidade + s = masculinidades), mas não acontecia, portanto não havia registro escrito dela. Há um apagamento da pluralização desse significante por um longo período, por conta da memória e condições históricas existentes.

Desse modo, produz-se a aparência de uma transfiguração do sem-sentido para o sentido de pluralidade do masculino. Assim, compreendemos que enunciados dos estudos das masculinidades funcionam como um discurso fundacional a respeito das masculinidades. Para Zoppi-Fontana:

Na relação de sentido que estabelece com seu interdiscurso, um discurso que se pretende “fundacional” precisa produzir, como efeito do seu funcionamento enunciativo, uma *ilusão de corte* ou *ruptura* com os processos de sentido sedimentados como memória discursiva (Zoppi-Fontana, 2003, p. 133, grifos da autora).

Enquanto o discurso fundacional produz uma ilusão de corte, o discurso fundador produz um corte. Segundo Orlandi (2003b, p. 08), “Sem defini-lo [o discurso fundador] categoricamente, procuramos pensá-lo como a fala que transfigura o sem sentido em sentido”.

Como discurso fundacional, e não como discurso fundador, os estudos das masculinidades constituem-se em um acontecimento. É nessa perspectiva que esses estudos, através de um trabalho ideológico, organizam sentidos como “novos”. Para isso, constroem metodologias de pesquisa, limites e domínios, possibilitando novos gestos de interpretação. Como acontecimento, esses estudos instauram um presente, ao mesmo tempo em que instauram um passado e um futuro. Essa temporalidade nos aponta para a compreensão de um discurso das masculinidades.

E o que é esta temporalidade? De um lado ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem

significa porque projeta em si mesmo um futuro. Por outro lado este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável (Guimarães, 2005, p. 12).

Desse modo, os estudos das masculinidades não instauram um discurso fundador, mas instauram um discurso, o das masculinidades. A partir desse campo de conhecimento, que é uma vertente dos estudos de gênero, outros textos e outros autores podem colocar-se, configurando uma transdiscursividade.

HISTORICIZAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS MASCULINIDADES NO BRASIL

Como vimos, são os estudos das masculinidades que produzem um discurso fundacional sobre as masculinidades, bem como a própria noção de masculinidades, através de enunciados que circulam, reproduzem-se, transformam-se e produzem efeitos diversos em discursos científicos e em discursos de políticas públicas, principalmente, mas também em discursos de militância, em discursos midiáticos, por exemplo. Chegamos a essa interpretação através de uma análise discursiva desses estudos. Para isso, constituímos um *corpus* e analisamos sua materialidade linguístico-discursiva, como mostramos a seguir.

O corpus

A análise discursiva parte do próprio estabelecimento do *corpus*, que resulta em grande medida de uma construção do analista. O *corpus* é organizado a partir da natureza do material e de sua(s) pergunta(s) norteadora(s) (Orlandi, 2003a). Assim, as perguntas apresentadas a seguir nos orientaram na construção desse *corpus*. São elas:

- a) onde a noção de masculinidades foi produzida?
- b) Como e por que isso aconteceu?
- c) O que sustenta tal produção?

- d) Como a construção do sentido de masculinidades constrói um presente, recortando um passado e instaurando uma futuridade?
- e) Quais os efeitos da construção desse sentido?
- f) Como ocorreu a historicização e a institucionalização das masculinidades no Brasil?
- g) O que não é dito sobre o masculino na abordagem sobre as masculinidades?

A partir desses questionamentos, construímos um *corpus*, constituído de sequências discursivas (SD) para análise.

O nosso arquivo foi constituído de três livros que possuem em comum o fato de abordarem as masculinidades e de terem sido publicados originalmente no Brasil. Além disso, seus autores ou organizadores são importantes pesquisadores sobre o tema em um momento de institucionalização da discussão sobre as masculinidades em nosso país.²

Um desses livros é *Violência e estilos de masculinidade*, de Cecchetto (2004). Sua primeira publicação foi em 2004. Nessa obra, a autora aborda a masculinidade como uma construção histórica e social, buscando entender a ligação entre o gênero masculino e a violência. São investigados frequentadores de bailes charme, galeras funk e gangues de lutadores de jiu-jítsu, incluindo homens de classe média, moradores da Zona Sul e dos subúrbios e favelas do Rio de Janeiro, brancos e não brancos, adolescentes até adultos. O livro pertence à área das Ciências Sociais e utiliza a metodologia etnográfica de investigação. De acordo com sua autora, “é uma contribuição a mais à discussão sobre violência na cidade do Rio de Janeiro” (Cecchetto, 2004, p. 45), já que ela trabalhou com esse tema em sua dissertação de mestrado. Além disso, a obra aborda o tema da masculinidade através dos estudos contemporâneos sobre o masculino, ou seja, através de uma abordagem sobre a heterogeneidade masculina, o que nos faz compreendê-la como uma obra dos estudos das masculinidades no Brasil.

Outro livro é *Identities fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*, de Moita Lopes (2002). Sua primeira publicação é de 2002. O livro pertence à área da Linguística Aplicada, dialogando com a produção da Análise Crítica

² Há obviamente outras obras importantes sobre a temática nesse momento de institucionalização, mas não as abordamos considerando a sua limitada circulação na época.

do Discurso, com teorias socioconstrucionistas do discurso e da identidade social e com investigações dos multiletramentos. Organizado em três partes, é na sua segunda parte que é abordada a construção de masculinidades escolares (Moita Lopes, 2002, p. 19), o que nos faz compreender relações do livro com a produção dos estudos das masculinidades no Brasil. Nessa parte da obra, são investigados alunos de uma escola da rede pública da cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro livro é *Masculinidades*, publicado em 2004 e organizado por Schpun (2004). A obra, que se filia a teorias feministas, é uma coletânea de artigos de pesquisadores de diversas áreas (antropologia, sociologia e história) e de diversos países. Os seus textos abordam de formas variadas a masculinidade como um objeto plural, daí considerarmos o livro como uma produção dos estudos das masculinidades no Brasil.

Propriedades discursivas

Em Análise do Discurso materialista, buscam-se no texto indícios de processos de significação inscritos na materialidade discursiva.

O analista deve partir desses indícios. Diferencia-se [a Análise do Discurso] da Linguística, porque não trabalha com as marcas (formais) mas com propriedades discursivas (materiais) que referem a língua à história para significar (relação língua-exterioridade). Em uma palavra, a análise de discurso trabalha com as formas materiais que reúnem forma-e-conteúdo. As marcas formais, em si, não interessam diretamente ao analista. O que lhe interessa é o modo como elas estão no texto, como elas se “encarnam” no discurso. Daí o interesse do analista pela forma-material que lhe permite chegar às propriedades discursivas (Orlandi, 2003a, p. 65).

Seguindo tal perspectiva, nos estudos das masculinidades identificamos propriedades discursivas que funcionam na historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil. Para analisar tais propriedades, recortamos os seguintes fragmentos:

Sequência Discursiva 1

Ouvir a diversidade das vozes masculinas e atentar para a importância da desconstrução crítica da homologia masculino/público/político, ou seja, de uma masculinidade hegemônica, tem sido a tônica dos trabalhos sobre os homens a partir do enfoque da “construção social da masculinidade”. (Cecchetto, 2004, p. 56).

Sequência Discursiva 2

O modo como entendemos a masculinidade, por exemplo, só pode ser compreendido se for considerado de que homem se fala: onde vive, qual é sua classe social, como expressa sua sexualidade, qual é a sua raça, em que momento da história e em que instituição está sendo focalizado etc. Daí, falar-se hoje em dia em masculinidades (...) (Moita Lopes, 2002, p. 16).

Sequência Discursiva 3

Composta por estudos antropológicos, sociológicos e históricos ligados a contextos e problemáticas os mais variados, esta antologia confirma a pluralidade indicada no título Masculinidades. A construção do masculino não é una, monolítica ou a-histórica; os seus múltiplos desdobramentos dependem de contextos, atores sociais e abordagens diversos (Schpun, 2004, s.n.).

A partir desses recortes, identificamos algumas propriedades discursivas, conforme analisaremos a seguir:

Aparência de uma transfiguração do sem-sentido em sentido

Como é possível observar, tanto no fragmento 2 quanto no fragmento 3 ocorre a pluralização do significante masculinidade. Na língua portuguesa, a formação de plural acontece através do acréscimo de um morfema flexional de plural à forma singular. Em geral,

o morfema –s forma o plural, como na palavra em questão. Entretanto, embora sempre existisse na língua portuguesa do Brasil a possibilidade de pluralizar os nomes, como no caso do vocábulo masculinidade, inclusive seguindo a regra geral de formação de plural para esta palavra, esse significante historicamente sempre era empregado apenas no singular.

O emprego da forma masculinidade sempre no singular possui seu funcionamento próprio. Isso se refere à interpretação de processos de identificação simbólica e imaginária relativos ao masculino significado como um gênero homogêneo e unívoco. Essa interpretação do masculino aponta para um homem heterossexual e dominador, característico no imaginário de sociedades ocidentalizadas, patriarcais e machistas. Por outro lado, a pluralização do significante masculinidade também possui um sentido, o de oposição à sua forma singular, que já existia, inclusive como verbete dicionarizado, ou seja, o de oposição à interpretação do masculino como algo singular e único.

Foram os estudos das masculinidades que empregaram e propagaram o termo masculinidade no plural, referindo-se a uma diversidade de possibilidades de construção do masculino. Compreendemos esse emprego e difusão como um acontecimento, isto é, como algo que está sujeito à interpretação e que possibilita novos gestos interpretativos, à medida que constrói limites, desenvolve domínios e produz territórios de significância. Esse acontecimento configura-se como o presente do discurso fundacional das masculinidades. Desse modo, foram esses estudos, em um determinado período, que historicizaram o significante masculinidades. É importante ressaltar que, quando nos referimos à historicização, estamos fazendo referência ao processo de “fazer sentido de um acontecimento”, conforme nos aponta Orlandi:

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito (Orlandi, 2003a, p. 68).

Nesse sentido, observamos a produção da aparência de uma transmutação do sem-sentido para o sentido. Isso significa que não ocorreu essa transmutação, o que caracterizaria um discurso fundador, mas ocorreu a produção de certos apagamentos do passado, para

configurar como novos determinados sentidos que já existiam, o que caracteriza o discurso fundacional. Assim, a historicização do significante masculinidades tem como efeito a produção de sentido de uma ruptura com uma história em que o masculino era visto apenas como algo homogêneo e unitário, para instalar o sentido de que o masculino é plural.

Entretanto, embora não se falasse em masculinidades, o masculino já era interpretado na história de forma diferente do que se considerava como masculinidade padrão. É o caso do dândi, no século XIX, por exemplo:

Para Queila Ferraz, professora de História da Indumentária da Faculdade Belas Artes, o dandismo pode ser considerado um dos primeiros estereótipos dissonantes do comportamento masculino, precursor de movimentos como os emos ou metrossexuais. “Os dândis são o que chamavam de snob – sem nobreza. Essa palavra era colocada na porta dos quarto (sic) dos alunos de Cambridge. Eles não tinham sobrenomes aristocráticos, porém, frequentavam a sociedade juntamente com poetas, músicos, artistas, se espelhando na aparência destes. Assim, acabaram por criar um novo arquétipo pop”, analisa a professora. Combinando em proporções iguais o requinte e o exotismo, os dândis foram bastante associados (muitas vezes corretamente) ao homossexualismo, o que tornou o estilo ainda mais polêmico. Talvez o maior exemplo do dandismo tenha aparecido na Irlanda, na figura do escritor Oscar Wilde. Dotado de senso de humor corrosivo, tendência ao paradoxo, neste caso superioridade aristocrática, e vestuário espalhafatoso, Wilde se tornou ilustre pela maneira como retratou a sociedade britânica, além de traçar algumas das mais valiosas considerações literárias a respeito da juventude, das paixões e do amor (Quer ser um dândi?, 2009).

Apesar das simbolizações do dândi, por exemplo, os estudos das masculinidades nos mostram que a discussão sobre a pluralidade do masculino é algo contemporâneo. Observemos que na SD 2 há uma referência explícita às masculinidades como algo recente:

Daí, falar-se hoje em dia em masculinidades [...].

Essa sentença, que se caracteriza como um enunciado do discurso das masculinidades, marca a oposição entre um período atual, presente, e um período anterior. Se o que caracteriza o período atual (“hoje em dia”) é falar em masculinidades, isso também nos diz (pela ausência, pelo não dito do contexto em que o enunciado foi produzido), que não se falava em masculinidades anteriormente.

Na análise do discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a de ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y”

permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra. [...] Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscursos: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva. (Orlandi, 2003a, p. 82).

Portanto, os estudos das masculinidades tentam nos mostrar a fundação de um discurso sobre as masculinidades. Dessa forma, o enunciado “Daí, falar-se hoje em dia em masculinidades (...)” apaga o conflito existente no passado entre uma interpretação do masculino como algo homogêneo e uma interpretação de tipos diversos do masculino, o que tem como efeito a produção de uma ruptura com um passado idealizado e a consequente fundação de um presente em que o masculino é visto em sua multiplicidade. Assim, ao apagar o conflito do passado, ele é trazido para o presente.

Se considerarmos que a significação de uma homogeneização do masculino se filia a uma formação discursiva específica (que chamaremos aqui de FD 1), e a significação das masculinidades filia-se a uma outra (FD 2), o discurso fundacional das masculinidades constrói um passado constituído apenas pela FD 1, e coloca o conflito entre elas na contemporaneidade.

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outras. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. [...] No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e re-configurando-se continuamente em suas relações. (Orlandi, 2003a, p. 43-44).

Além disso, o verbo falar desse enunciado (“Daí, falar-se hoje em dia...”) aponta-nos para o emprego contemporâneo do significante masculinidades, ou seja, não estamos falando somente da construção de novos sentidos, mas também de um novo uso de uma forma na história e na Língua Portuguesa do Brasil, através de um recurso da própria língua, a formação de plural. Assim, os estudos das masculinidades apontam-nos para a historicização

do significante masculinidades. Esse novo uso é um funcionamento discursivo pertinente para a produção do sentido de ruptura do discurso fundacional das masculinidades.

Em síntese, podemos interpretar que a oposição entre antigo e contemporâneo feita nesse enunciado é a oposição entre aquilo que o singular e o plural nos mostram sobre as masculinidades. Esse singular, também, é construído nesse discurso fundacional como o seu passado, que é recortado, mas nesse caso é recalcado.

Observamos também esse recalque produzido pelo discurso fundacional das masculinidades através da negação explícita do sentido de uma masculinidade hegemônica, como na sentença mostrada a seguir da SD 3, que também se constitui como um enunciado do discurso das masculinidades:

“A construção do masculino não é una, monolítica ou a-histórica; [ou seja, ela é plural] [...]”

Nesse enunciado, ao se negar que a construção do masculino é una, monolítica ou a-histórica, está se afirmando, por uma oposição implícita (através da ausência, do não dito do contexto de enunciação), que a construção do masculino é plural.

Nessa perspectiva, o discurso fundacional das masculinidades constrói novas possibilidades de dizer a respeito do masculino, trabalhando no apagamento do sentido (já estabelecido em diversos contextos) de uma masculinidade una e homogênea e construindo um passado onde a masculinidade era apenas interpretada dessa forma, negando a história, à medida que apaga o conflito entre simbolizações de uma masculinidade padrão e de outras formas do masculino já-ditas.

Efetivamente, o grande paradoxo de um discurso que se diz “fundacional” é que ele se inscreve na história, negando-a. Dito de outra maneira, o caráter “fundacional” de um discurso não é mais do que o efeito de sentido produzido pela transmutação da dimensão temporal do acontecer histórico em mera representação do tempo, sob a forma de um relato ou narração histórica (Zoppi-Fontana, 2003, p. 133).

Nessa ilusão da produção de um corte ou ruptura feita pelo discurso fundacional das masculinidades, acreditamos que os discursos do movimento de gays, lésbicas e seus desdobramentos; os discursos da diversidade sexual; o surgimento do metrossexual na década de 2000, ao abordarem novas/outras possibilidades de construção do masculino em relação

à considerada construção hegemônica, possibilitaram o dizer a respeito das masculinidades. Em outras palavras, algo que já havia sido dito, em outro lugar, em outra circunstância, a respeito do assunto, é recuperado pelo discurso fundacional das masculinidades. Nesse processo de instalação de sentidos, ou seja, nesse acontecimento, isso que já havia sido dito, mas é recortado da memória e retomado nesse discurso fundacional, constitui-se como o seu passado também. E esse passado é construído como uma parte importante da gênese do discurso das masculinidades, ao lado das contribuições do feminismo, que já questionava a construção de uma masculinidade hegemônica e os efeitos.

Nesse sentido, a designação masculinidades evidencia, ou procura tornar evidente, uma “nova” realidade, a de compreender o masculino em sua diversidade. Assim, acreditamos que um dos mais importantes efeitos dos estudos das masculinidades foi o de organizar e “contemporaneizar” sentidos de um saber que pluraliza o masculino, através de um processo de designação das masculinidades. Aliás, o significante masculinidades funciona como um significante mestre no discurso das masculinidades. A organização de sentidos a que nos referimos ocorre principalmente pela historicização do vocábulo “masculinidades”, no plural.

O emprego e permanência desse termo na memória discursiva contribuem de forma decisiva para atar sentidos em um mesmo conjunto, o da realidade de construção, abordagem e/ou exploração de formas do masculino, ou seja, do discurso das masculinidades. Isso significa que a memória passou a dispor de um léxico que remete diretamente à realidade que estamos abordando, como se tivesse um dispositivo que fizesse isso explicitamente.

Reprodução do equívoco

Outro equívoco do discurso das masculinidades no processo de institucionalização das masculinidades no Brasil é a afirmação da existência de uma masculinidade hegemônica, mesmo questionando a masculinidade como algo unitário. Para Connell e Messerschmidt, autores com forte influência sobre os estudos das masculinidades no Brasil, principalmente nas décadas de 1990 e 2000:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell; Messerschmid, 2013, p. 5).

Assim, entende-se como masculinidade hegemônica “uma” norma, adotada por uma minoria dos homens, que orienta uma construção de masculinidade que tanto subordina outras masculinidades quanto subordina mulheres. O problema é que, em termos de construção de sentido, uma norma nunca é unívoca, atemporal e sem opacidade.

Na perspectiva da masculinidade hegemônica, há um grupo minoritário de homens que historicamente domina por meio de processos ideológicos e de outras relações de poder. Tais homens dominadores são, tradicionalmente, brancos, heterossexuais e de bom (ou excelente) poder aquisitivo. A questão é que as relações de dominação estão diretamente relacionadas aos contextos e às estratégias ideológicas e de poder em que funcionam. Desse modo, os homens dominadores não seriam sempre os de um mesmo grupo em todos os contextos situacionais, nem as posições de sujeito seriam sempre as mesmas, embora o contexto histórico produza uma imagem específica de homem dominador, a qual é relacionada à masculinidade hegemônica e, conseqüentemente, produz efeitos de sentido.

Além disso, os chamados “homens dominadores” também são “assujeitados”, embora sejam com nuances diferentes das formas de “assujeitamento” de outros, ao mesmo sistema de opressão, que inclusive os oprime também, porque os orienta com rigidez a um tipo de trabalho cuja finalidade é produzir lucros para ser bem-sucedido. Também há uma sobrecarga de exigências para manterem-se no poder, em suas diversas instâncias.

A questão para a qual chamamos atenção agora é o processo ideológico de dissimulação da opressão que o próprio dominador vivencia. Um dos motivos para que isto ocorra é o fato da dominação exercer um efeito de alta valorização do “eu” dominador, a ponto de apagar traços da posição de objeto que este sujeito pode ocupar.

Por tudo isso, no mundo contemporâneo as posições de sujeito consideradas “dominadas” – e são muitas – buscam ressignificação, a fim de serem construídos sentidos positivos sobre si mesmas e, conseqüentemente, buscam legitimação da sociedade. Enquanto

isso, os “dominadores” reclamam de algo que ainda não sabem exatamente o que é, ou não querem nomeá-lo: a opressão do sistema que, ao colocá-los no poder, apagam a informação de quem ou do que realmente manda e tem poder.

CONCLUSÃO

Acreditamos que o discurso das masculinidades apenas se tornou possível porque ele aconteceu em uma época marcada pela ideologia do multiculturalismo, ou seja, uma ideologia que sustenta práticas diversas de “pluralidade de identidades”, já que se interessa na colonização das “identidades fragmentadas”.

O multiculturalismo é a ideologia do capitalismo global (Žizek, 2005), o que nos faz supor que esse discurso é típico das sociedades consideradas ocidentais. Assim, não seriam todas as sociedades contemporâneas que conheceriam uma realidade em que o masculino é interpretado como algo plural.

É interessante observar que a ideologia do multiculturalismo é uma ideologia dos países ricos que se espalha para todo o mundo ocidentalizado. É interessante observar também que o discurso das masculinidades e suas práticas, incluindo o seu presente, passado e sua futuridade, acontecem primeiro em países como Estados Unidos da América e Inglaterra, para depois se disseminarem pelo mundo ocidentalizado. Assim, parece que há algo de imperialista na difusão do discurso das masculinidades pelo mundo. Esse é um tema que merece ser mais investigado.

Um outro tema que também merece ser mais investigado é o funcionamento da masculinidade considerada tradicional e hegemônica no discurso das masculinidades, principalmente a partir da segunda metade da década de 2010, em que uma onda conservadora invade o mundo e começa a ameaçar o multiculturalismo. Essa forma de masculinidade é muito atuante como modelo do masculino no imaginário de nossa sociedade. Assim, caberia pesquisar, de um lado, os possíveis deslocamentos que ela sofreu e, por outro lado, a sua resistência, manutenção e domínio, incluindo a sua penetração nas práticas do discurso das masculinidades que buscam combatê-la.

O debate acerca das masculinidades ainda é muito recente (quatro décadas), o que nos instigou para realizar a pesquisa, mas também nos assustou. Uma das dificuldades de realização da pesquisa foi justamente o fato de ainda não termos o distanciamento, talvez necessário, da história do discurso das masculinidades. Não conseguimos olhar para trás para enxergarmos de longe esse discurso, porque ele está em pleno funcionamento, dissimulando seu efeito de gênese, seu alcance, sua direção.

Desde a década de 2010, no Brasil, os estudos das masculinidades têm ganhado fôlego, principalmente em pesquisas sobre masculinidades negras e masculinidades trans; tais investigações têm priorizado abordagens interseccionais. Também há um grande movimento no Brasil realizando rodas de conversa entre homens, para se discutir questões variadas a respeito das masculinidades; isso tem sido uma iniciativa tanto do setor público, por meio de políticas públicas, quanto do setor privado. A publicidade também tem incorporado a questão das masculinidades e veiculado outras possibilidades de ser homem, de ser pai, em relação aos modelos masculinos considerados tradicionais.

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para o debate sobre a questão do masculino no mundo contemporâneo, e principalmente no nosso país. Também esperamos contribuir com a história dos discursos, à medida que tentamos fazer história de outra forma, ou seja, a partir da perspectiva discursiva.

REFERÊNCIAS

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV 2004.

CONNELL, Raewyn W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, vol. 21, n. 1, jan./abr. 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas*: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, Fabio Araujo. *Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil*. 2015. 246 p. Tese (doutorado – Programa de Pós-graduação em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5ª. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Discurso Fundador*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2003b.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise. e HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

QUER SER UM DÂNDI? *Mundo Oi*. 2009. Disponível em: http://mundooi2.oi.com.br/materia_revista_68/89929_Quer_ser_um_dandi_.html. Acesso em: 29 dez. 2019.

SCHPUN, Mônica R. (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. G. Sonhando a Pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. Multiculturalismo, ou a lógica cultural do capitalismo multinacional. In: DUNKER, Christian e PRADO, José Luiz A. (Orgs). *Žizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

Recebido em: 24/06/2024

Aceito em: 16/12/2025

Fabio Araujo Oliveira: Professor Adjunto B de Língua Portuguesa e Linguística da UNEB, no DCH V, atuando no curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa e no Programa de Pós-graduação em Tecnologias das Linguagens (PPGTEL). Possui Licenciatura Plena em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB (1995), Mestrado em Letras/Linguística Aplicada pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2003), Doutorado em Linguística/Análise do Discurso pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2015) e Pós-doutorado em Linguística/Análise do Discurso pela Unicamp (2019).